

O MOVIMENTO ANABATISTA, UMA REFORMA RADICAL

Nédia Maria dos Santos Galvão
Instituto Federal Minas Gerais (IFMG)

RESUMO

A Reforma Protestante, que foi um divisor de águas no século XVI, a princípio não tinha como objetivo dividir a Igreja cristã hegemônica da época. Contudo, houve uma rachadura dentro da igreja, e mudanças radicais na sociedade. Embora o termo reformado comumente fique restrito a movimentos ligados ao luteranismo, calvinismo e anglicanismo, houve um movimento reformador radical no século XVI, os Anabatistas. O objetivo deste ensaio é apresentar o movimento Anabatista como um movimento da Reforma, tal como a Reforma Luterana, Zwingliana, Calvinista e Anglicana. Alguns historiadores defendem que os anabatistas já representavam diversos grupos dissidentes pré-reforma, que condenavam os abusos eclesiásticos e davam ênfase às Escrituras Sagradas. O movimento reformador anabatista, também chamado de Reforma Radical, é considerado por alguns a ala esquerda da Reforma Protestante. Pois eles não acatavam as normas estabelecidas pelos reformadores tradicionais, tão pouco dos católicos romanos. Nenhum grupo no período da Reforma foi tão perseguido quanto os anabatistas. Perseguição e martírio eram consequências para os que defendiam tais convicções religiosas. O legado anabatista é um legado de democracia, igualitarismo, ideais, convicções e fé. De homens e mulheres fortes, que enfrentaram algozes sem titubear na sombra da incerteza, mas convictos de seus princípios arraigados na razão e emoção. A Reforma Anabatista surge de ideais legítimos, embora alguns tenham distorcido esses ideais, daí a origem de grupos cismáticos. Ainda assim, a Reforma Radical selou a história com nomes nobres e fortes, marcando uma era um tanto sombria e de incertezas, mas erguendo o estandarte de uma fé imersa nas profundezas da convicção.

Palavras-chave: Anabatistas; batistas; história da igreja; reforma protestante.

INTRODUÇÃO

A Reforma Protestante, que foi um divisor de águas no século XVI, a princípio não tinha como objetivo dividir a Igreja cristã hegemônica da época. Contudo, houve uma rachadura dentro da igreja e mudanças radicais na sociedade. A tentativa de uma reforma perdurou mais de duzentos anos, até culminar na chamada Reforma Protestante. Nas primeiras décadas da clássica reforma, surgiram diversos movimentos reformadores. A partir de Martinho Lutero, seguiram outros que, à semelhança da chamada reforma luterana, protestaram contra os abusos e absurdos impostos pela igreja romana.

Embora o termo reformado comumente fique restrito a movimentos ligados ao luteranismo, calvinismo e anglicanismo, houve um movimento reformador radical no século XVI, os Anabatistas. Esses, pejorativamente, foram chamados também de “heresia rebatizadora”, por invalidarem o batismo infantil e defenderem apenas o batismo de adultos, como algo que deveria ser realizado a partir de uma decisão pessoal.

Alguns historiadores defendem que eles já representavam diversos grupos dissidentes, pré-reforma, que condenavam os abusos eclesiais e davam ênfase às Escrituras Sagradas. Essas convicções se mantiveram entre os anabatistas em todas as suas modalidades, a saber, entre os chamados radicais bíblicos, radicais milenaristas ou quiliastas, radicais místicos e radicais racionalistas, todas facções anabatistas. De fato, a Reforma Anabatista, foi um movimento complexo a se caracterizar, pois havia uma heterogeneidade dentro do próprio movimento, seguindo divergentes vertentes entre moderados e pacíficos até extremados e violentos.

O movimento reformador anabatista, também chamado de Reforma Radical, é considerado por alguns a ala esquerda da Reforma Protestante. Pois, eles não acatavam as normas estabelecidas pelos reformadores tradicionais, tão pouco dos católicos romanos. Assim, **o objetivo deste ensaio é apresentar o movimento Anabatista como um movimento da Reforma, tal como a Reforma Luterana, Zwingliana, Calvinista e Anglicana.** Pois, os anabatistas também marcaram a partir do século XVI, expondo seus descontentamentos com a igreja hegemônica e estatal, assim como apresentavam um estilo de

vida contracultura, buscando centralizar Cristo e Seus ensinamentos, ainda que algumas vezes de maneira equivocada.

E equívocos não foi algo exclusivo dos anabatistas, os demais movimentos, encabeçados por seus reformadores, também cometeram diversos lapsos extremamente lamentáveis. Assim, os Anabatistas também se caracterizam reformadores, ainda que radicais, mas reformadores, que como nenhum outro movimento alçou mudanças tão radicais que alcançaram diferentes setores da sociedade.

Este artigo contribui para a elucidação deste movimento tão famigerado, colocado à margem muitas vezes, apesar da sua importância e marcante presença como movimento reformador. Estudiosos, seminaristas, historiadores e cristãos poderão a partir deste trabalho desmitificar ideias e informações espúrias acerca deste movimento reformador, que foi atrozmente perseguido por muitos das demais reformas tradicionais, mas nenhuma tão radical.

BREVE HISTÓRICO DOS ANABATISTAS

Origem dos anabatistas

O termo anabatista é usado desde o terceiro século, fazendo menção aos que eram batizados uma segunda vez, isto é, rebatizados. Isso se deu devido à perseguição atroz por parte dos imperadores Décio e Valeriano para com os cristãos, em meados do século III. Uma vez que os que apostataram da fé, devido à perseguição, posteriormente retornaram à fé cristã, esses tinham seus batismos iniciais questionados, sendo por muitos considerados inválidos. Daí, passavam por um segundo batismo, sendo, assim, conhecidos como anabatistas.

E tanto a controvérsia, como a realização do rebatismo, tiveram continuidade no século IV, com o imperador romano Diocleciano. É interessante que outros grupos na Idade Média foram rotulados de anabatistas, sendo o termo aplicado aos oponentes da Igreja, inclusive os iconoclastas (aqueles que rejeitavam o uso de imagens), como até entre os cismáticos, fanáticos e pessoas fora da lei (Oliveira, 2010).

No século XVI, o estereótipo anabatista se mantém de forma pejorativa. Eles eram conhecidos como fanáticos e tanto católicos, luteranos,

zwinglianos e calvinistas tinham os anabatistas como uma ameaça (Wachholz, 2020). O movimento reformador anabatista teve uma atuação marcante e importante, ainda que associado a grupos espúrios, que em nada tinham a ver com os ideais do movimento.

Os anabatistas deram surgimento a uma forma de fé e estilo de vida, pois viviam fora das ordens estabelecidas pelos protestantes tradicionais e católicos romanos. Entretanto, muitos dos genuínos anabatistas gozavam de respeito e prestígio por sua reverência e apego às Escrituras Sagradas e à forma como defendiam suas convicções de fé (Oliveira, 2010).

Teologia anabatista

Podemos entender a teologia anabatista através de três dimensões, a saber, a dimensão pessoal, comunal e missional (Finger, 2004 *apud* Dyck; August, 2019). A dimensão pessoal apresenta que os anabatistas veem a salvação pessoal como algo que conduz o indivíduo a uma vida santa, ou seja, de frutos, de boas ações. Essa, muitas vezes, é marcada por sofrimento, tal como foi a vida de Cristo, que enfrentou afrontas, humilhações e a própria cruz (Evangelho de São Mateus, capítulo 10, verso 22; Segunda Carta a Timóteo, capítulo 3 verso 12).

A dimensão comunal diz respeito à vida do indivíduo estar ligada à comunidade de fé. Em um contexto em que a igreja reformada, a partir de Lutero, Zwinglio e Calvino ainda mantinham vínculo com o Estado, os anabatistas rompiam, buscando resgatar a cristandade segundo a Igreja Primitiva, restaurando o aspecto teológico da economia do compartilhamento, com base na sensibilidade às necessidades dos mais humildes (Atos, capítulo 2, versos do 42 ao 47). Tendo o entendimento de que eram meros administradores dos bens materiais e não proprietários, sendo que toda riqueza pertence a Deus.

Já a dimensão missional se refere à pregação do Evangelho para todos os povos. Uma obediência à ordem da chamada “Grande Comissão” (Evangelho de São Marcos, capítulo 16, versos 15 e 16). Assim, formou-se um exército de missionários, pregadores do Evangelho, em que muitos pagaram com a própria vida pelo fato de levar avante esta missão.

Então, a partir das três dimensões apresentadas por Finger (2004) *apud* Dyck e August (2019), podemos entender sucintamente a teologia anabatista como:

- As boas obras e o sofrimento são resultados de uma vida salva;
- Consciência de mordomia dos bens, não posse; consequentemente, o dever moral e ético de ajudar quem precisa;
- Anunciar a mensagem do Evangelho, ainda que custasse a própria vida.

Contudo, podemos também entender a teologia anabatista de forma sistematizada doutrinariamente (Oliveira, 2010):

- Fé pessoal que antecede o batismo;
- Supremacia da autoridade das Escrituras, em detrimento às tradições;
- Separação entre Igreja e Estado;
- Rejeição da graça sacerdotal e sacramental;
- Padrão de organização neo-testamentário;
- Resgate do estilo de vida cristão primitivo em comunidade;
- Vida santa como evidência de regeneração.

A Teologia anabatista rompia com a teologia católica romana e também com parte da teologia dos demais movimentos reformadores. Assim, os anabatistas iam na contramão, considerados uma escória, sofreram confrontos e perseguições como nenhum outro movimento reformador.

Confrontos contra os anabatistas

Na reforma inicial de Zwinglio em Zurique (Suíça), era defendido que as Escrituras Sagradas deveriam ser a base de fé e prática. Zwinglio chegou a apresentar em seus “Sessenta e Sete artigos de fé” que o batismo deveria suceder à fé. Ele, inclusive, chegou a debater o assunto com líderes anabatistas como Baltasar Hubmaier, Conrado Grebel e Félix Manz.

Porém, por razões políticas, Zwinglio abriu mão do que outrora advogou e rompeu radicalmente com a liderança anabatista, dando ordem de prisão e

até expulsão de Zurique aos que insistissem na rejeição do batismo infante e que abraçavam o rebatismo para adultos.

Em 1526, Conrado Grebel, que anteriormente havia cooperado com Zwinglio, quando esse defendia os ideais anabatistas (e que chegou a elogiar Grebel como um estudioso puro e instruído), terminou por ser encarcerado juntamente com outros, por ser anabatista. Em 1527, Félix Manz foi executado por afogamento. Suas mãos foram atadas e forçadas sobre o joelho, colocado em uma embarcação, foi amarrado a um peso antes de ser jogado no rio. Dois anos depois, Jacó Faulk e Henrique Riemon, nomes eminentes da reforma anabatista, também foram executados.

Um outro grande nome do movimento reformador anabatista, Memo Simões, que deu origem aos menonitas, em 1536, tornou-se ministro anabatista. Simões dava ênfase ao pacifismo, defendia a tolerância religiosa e a separação entre Igreja e Estado. Perseguido por católicos e luteranos, viveu na Holanda como um transgressor da Lei e condenado à morte (Oliveira, 2010).

Ainda temos nomes como Michael e Margaretta Sattler que, por fazerem parte do movimento reformador, também chamado de movimento radical, foram executados cruelmente. Michael, um dos líderes mais eminentes, após a morte de Manz e Grebel foi torturado, teve sua língua arrancada e foi queimado em praça pública. Margaretta, sua esposa, foi executada por afogamento dias depois (Finger, 2004 *apud* Dyck; August, 2019).

Nenhum grupo no período da Reforma foi tão perseguido quanto os anabatistas. Perseguição e martírio eram consequências para os que defendiam tais convicções religiosas.

Grupos dissidentes dos anabatistas

No século XVI, a Reforma Anabatista foi associada a uma variedade de grupos religiosos que inovavam, que eram contrários às doutrinas da Igreja Católica Romana e principais Protestantes. Alguns desses grupos eram bíblicos e outros tinham uma visão exacerbada, contrapondo até mesmo com as Escrituras Sagradas. No quadro 01 sintetizo quatro tipos desses radicais, que protagonizaram nesse cenário medieval.

Quadro 1 - Grupos dissidentes.

Grupos	Características
Anabatistas ou Radicais Bíblicos	Esse grupo é o anabatismo clássico, caracterizado tanto pela fé pessoal que antecede o batismo, supremacia das Escrituras Sagradas, recusa ao juramento e portar armas, ceia como vínculo de unidade, amor e paz entre irmãos.
Radicais Milenaristas ou Quiliastas	Defendiam a plena instauração do Reino na terra, lutavam contra a desigualdade social, instigando a ação coletiva.
Radicais Místicos	Tinham como base a "iluminação interior", o que os levava a um subjetivismo ilimitado. Eram ávidos por uma vida espiritual profunda,
Radicais Racionalista	Formado geralmente por pessoas instruídas. Esse grupo dissidente era antitrinitariano, isto é, discordavam da doutrina da Trindade. Estes racionalistas tinham a Bíblia como única base de fé e autoridade, mas entendiam que ela precisava ser interpretada pela razão.

Fonte: Adaptado de Oliveira (2010).

Assim, o movimento anabatista teve radicais, moderados e pacíficos, como também extremados e violentos. Homens e mulheres que foram ao extremo tanto nas emoções quanto na intelectualidade, colocados na ala da esquerda da Reforma. Também tiveram pessoas coerentes e conservadoras, zelosas pela interpretação das Escrituras e buscando resgatar a essência do cristianismo que havia se perdido num contexto estatal, político e de fisiologismo.

O LEGADO ANABATISTA

Embora comumente associamos a democracia à Antiga Grécia ou mais recentemente à Revolução Francesa, foi com os anabatistas que ela se tornou efetiva. A Reforma Anabatista torna a democracia direta e plena, em que todos da comunidade de fé têm direito a voto, incluindo as mulheres. O regime congregacional de governo apresenta uma sociedade igualitária, sem aceção entre pobres e ricos, homens e mulheres. (Gesta, 2020).

Outro legado anabatista é denominacional. A denominação Batista é um exemplo desse legado. Há uma teoria em que os batistas são herdeiros ou no mínimo parentes espirituais dos anabatistas. Sendo que estudos epistemológicos apontam para pontos comuns entre anabatistas e batistas, incluindo questões doutrinárias e princípios. (Siqueira, 2018).

No início do século XVI, em algumas partes da Europa, os anabatistas eram chamados de batistas. Em um decreto de 09 de setembro de 1527, no

cantão de Zurique, na época de Zwinglio, dizia-se, conforme destacado por Siqueira (2018):

“Para a que a perigosa, perversa, sediciosa e turbulenta seita dos Batistas possa ser erradicada, nós decretamos: Se alguém for suspeito de rebatismo, tal deve ser avisado pelo magistrado a deixar o território sob pena de punição designada...”

Três anos depois, outro decreto, de um sucessor de Zwinglio na igreja da Suíça, afirmava, como também apontou Siqueira (2018):

“Todos que aderirem à falsa seita dos Batistas, e comparecerem às suas reuniões, devem sofrer os castigos mais severos. Líderes Batistas, seus seguidores e os seus protetores devem ser afogados sem misericórdia...”

Testemunhos indicam que houve um período de aproximadamente cem anos para a mudança da nomenclatura anabatista para batista (1527-1620). Há evidências incontestáveis de que os anabatistas deram origem e formação tanto das igrejas batistas quanto do pensamento batista, testemunhos da época e escritos apontam para esta direção (Siqueira, 2018). Inclusive, isso consta na Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira, já que muitos entendem que a designação “batista”, deriva-se do termo anabatista, sendo a expressão batista uma simplificação de anabatista.

Os Batistas seriam então fruto direto dos Anabatistas Bíblicos da Holanda; assim como a Igreja Menonita, que tem origem nos ideais anabatistas de Meno Simões; os huteristas, sob influência de um dos grandes líderes anabatistas, Jacob Hutter e também os Amishs, oriundos dos menonitas, consequentemente de origem anabatista, tendo como líder inicial, Jacob Amman. E, a partir desses grupos menonita, huterista e amish, que são originários da Europa, mas migraram para os Estados Unidos das Américas, tornaram-se os grandes influenciadores da economia e democracia estadunidense. (Gesta, 2020).

O legado anabatista é um legado de democracia, igualitarismo, ideais, convicções e fé. De homens e mulheres fortes, que enfrentaram alagoes sem titubear na sombra da incerteza, mas convictos de seus princípios arraigados na razão e emoção.

CONCLUSÃO

O objetivo deste ensaio foi **apresentar o movimento Anabatista como um movimento da Reforma, tal como a Reforma Luterana, Zwingliana, Calvinista e Anglicana**. Os Anabatistas também marcaram a partir do século XVI, com seus descontentamentos com a igreja hegemônica e estatal, como reformadores, ainda que radicais, mas reformadores, que como nenhum outro movimento alçou mudanças tão radicais, que alcançaram diferentes setores da sociedade.

A Reforma Anabatista surge de ideais legítimos, embora alguns tenham distorcido esses ideais, daí a origem de grupos cismáticos. Ainda assim, a Reforma Radical selou a história com nomes nobres e fortes, marcando uma era um tanto sombria e de incertezas, mas erguendo o estandarte de uma fé imersa nas profundezas da convicção. Esse foi o movimento Anabatista, uma Reforma Radical, que deixou um legado de ardor, fé e doutrinas.

Este artigo contribui para a elucidação deste movimento tão famigerado, colocado à margem muitas vezes, apesar da sua importância e marcante presença como movimento reformador. Estudiosos, seminaristas, historiadores e cristãos poderão a partir deste trabalho desmitificar ideias e informações espúrias acerca deste movimento reformador, que foi atrozmente perseguido por muitos das demais reformas tradicionais, mas nenhuma tão radical.

Sugiro a realização de mais pesquisas acerca do movimento Anabatista, a fim de desmitificar os equívocos que são frutos de desinformação ou até difamação deliberada. Ao se falar e pesquisar sobre o assunto da Reforma, os anabatistas ficam à margem, sendo ofuscada a real importância dessa Reforma Radical.

REFERÊNCIAS

CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA. Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasil. https://www.convencaobatista.com.br/site/pagina.php?MEN_ID=22.

DYCK, J.G.; AUGUST, H. Anabatismo e as Três dimensões da vida cristã. **Revista Cógnito**, v.1, n.2 177-194, 2019. <https://doi.org/10.53546/2674-5593.rc.2019.11>.

GESTA, L. **Os anabatistas “bíblicos”**. Publicado em 21 de abril de 2020. <https://www.youtube.com/watch?v=MzDyW8El6k8>.

OLIVEIRA, Z.M. **Reforma ou Revolução Religiosa?** Uma acessível história do protestantismo. Recife: Kairós Editora, 2010.

SIQUEIRA, S.S.B.L. **Os batistas gerais, particulares e a origem anabatista.** Publicado em 20 de março de 2018. <https://www.igrejabatista.net/blog/os-batistas-gerais-particulares-e-a-origem-anabatista>.

WACHHOLZ, W. A Reforma, Lutero e os anabatistas: Intolerância Religiosa? **Caminhos**, v. 18, n. 2, p. 272–288, 2020. <https://doi.org/10.18224/cam.v18i2.7749>.